

Jerusa Pires Ferreira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
jpfer@uol.com.br

Antônio Vieira: prolongada presença, voz profética e performance

Resumo:

O presente artigo analisa a obra do Padre Antônio Vieira pretendendo focar uma série de questões relativas à profecia e à performance.

Palavras-chave: Antônio Vieira, sermões, profecia, performance.

Abstract:

Antônio Vieira: prolonged presence, prophetic voice and performance

The present study examines the works of Father Antônio Vieira, focusing on prophecy and performance.

Keywords: Antônio Vieira, sermons, prophecy, performance.

Em Belém, na Praça da Igreja de São João Batista, que já foi matriz da cidade e cuja construção data de 1777, comemorando com alguns colegas o quarto centenário do Pe. Antônio Vieira, pude entender melhor a circulação de relatos que acionavam a memória viva daquele

lugar. Foi ali então que eu vi a história (e aí a lenda cumpre bem o seu papel) do famoso jesuíta no cárcere, naquele mesmo lugar, quando socorrido por uma índia que cozinhava para não deixá-lo morrer de fome, e se esgueirava para levar-lhe alimento, ela foi presa.

Diante dos inquisidores que ameaçaram com a queima de sua aldeia, caso insistisse em alimentar o pregador, ela os teria desafiado com a resposta pronta: “Cozinharei para ele nas brasas da minha aldeia”. Cenas de tão grande visualidade, apresentam-se a nós como uma tirada heroica de literatura épica. Verdade ou fábula, não importa. Mas o que se condensa de vida, história, ação sob aquelas pedras tantas vezes pisadas! Contam a marca e a presença dos povos indígenas, africanos, migrantes que construíram a civilização do Grão-Pará, na cidade de Santa Maria de Belém, vivos ainda em sua memória na qual podem ressoar palavras de jesuítas como Vieira perplexo ou as do notável antropólogo que parecia ser o Pe. João Daniel [Siewierski, 2012].

Há mesmo lendários que nos acompanham.

As pessoas crescem na Bahia ouvindo falar do famoso estalo de Vieira. Ele teria uma iluminação nova que o tornaria predestinado ao púlpito e à voz profética. Tudo se teria passado na Igreja da Misericórdia, na rua da Misericórdia da velha capital, onde o padre vivera, passaria os seus últimos dias e viria a falecer.

Estudante e depois professora de Literatura Portuguesa, por muitos anos na UFBA, tive o privilégio de ter como mestra, em Portugal, Maria de Lourdes Belchior Pontes [1953], uma das grandes estudiosas do Barroco.

E antes já convivera com o humanista Hernâni Cidade [1970], estudioso e antologizador dos chamados Cultismos e Conceptismos, autor de livro sobre o notável pregador [*ibidem*].

Passei então a prestar a atenção à oratória sacra, seguindo de perto a figura que Maria de Lourdes apresentava como “o fradinho”, referindo-se a Frei António das Chagas, sobre quem escreveu um portentoso estudo no qual ressalta a teatralização persuasiva, e uma certa didática do terror. Diz-se que ele pregava com uma caveira na mão, apontando para a morte próxima e inexorável.

Na Igreja de São Francisco da Bahia, um dos maiores esplendores da arte religiosa no mundo, quantas vezes me surpreendi, em meio à força hipnótica daqueles ouros, das fênix e cariátides, tentando recuperar, nos obscuros luminosos daqueles espaços, a memória de uma ou outra prédica do Padre Antônio Vieira.

Homem paradoxal, debruçado sobre as conjunturas político-sociais e entregue à utopia do Quinto Império, apóstolo ardoroso e malabarista, transitava dos conceitos singulares para espanto dos ouvintes.

Vieira empolgou pela veemência, pela força de uma imaginação subordinada aos esquemas mentais e retóricos pelo maravilhoso sentido musical que faz do discurso uma sinfonia. E ainda pela riqueza lexical, mestre da língua portuguesa, é o que nos dizia Jacinto do Prado Coelho, meu professor na Universidade Clássica de Lisboa.

Em um de seus sermões, Vieira expõe o método que adotava: definir a matéria, reparti-la, confirmá-la com a escritura, com a razão, amplificá-la dando exemplos e respondendo às objeções, aos argumentos contrários, chegar a uma conclusão, persuadir e exortar.

Nesta sequência vemos a realização de todo um trajeto rumo ao momento maior, que seria o da oralização, propriamente dita.

Oralidade e oralização correspondendo uma ao conjunto, ao ambiente; à situação em que se dá a prática da transmissão oral. A outra, remetendo-nos a um processo que envolve corpo e gesto, e também a práticas de vocalidade, onde tudo conta, do ritmo da emissão aos timbres e aos tons.

Quando Paul Zumthor define a performance [2007], ele trata da inteligência, do repertório, do conhecimento que se ativa em presença e diante de um público. É neste momento que se dá propriamente a criação, atualização intensa, a comunicação quase plena. Só que, é bom frisar, nada disso comporta rascunhos, tudo se passa no campo mágico da transmissão oral. E aí, encontra-se ou perde-se, não há repetições.

Acontece também que o ambiente, a ambiência fazem parte de cada ato da performance, individuado e irrepetível. E conta o clima dos objetos, os cenários, os elementos da liturgia religiosa, e dizendo como Pavel Florenski [Pires Ferreira, 2006], a luz bruxuleante das

velas ou a luz que passa pelos vitrais, o cheiro do incenso conferem vida e erotismo à situação. E Zumthor diz mais: lembra que tudo isso faz parte do texto. É o texto. É a sua forma/potência.

Uma outra coisa que tem a ver com o universo do sermão aqui tratado é que a performance, realizada no cruzamento do eixo do paradigma com o sintagma, propicia também o encontro do passado e do futuro, em ato de presença.

Os gregos conheciam uma categoria de deuses “psicopompos”, aqueles que arrebatavam e conduziam as almas dos outros. A arte retórica da oratória, da parenética, da persuasão encontravam protagonistas que eram capazes de propiciar este arrebatamento.

Falando de Vieira, o arcebispo de Évora, Dom Augusto Eduardo Nunes, o considera “um dos mais ardentes conquistadores de almas” [Vieira, 1959: XXII, v. 1].

“Nas agências diplomáticas, nas missões do Maranhão, na corte de D. João IV, nos conselhos da Companhia de Jesus e, sobretudo no púlpito, costuma-se dizer que ele era incontestavelmente o grande vulto, a figura primordial da oratória do séc. XVII”.

Tendo se ordenado sacerdote em 1635, começou logo a pregar, revelando os notáveis e excepcionais dotes de orador. Em 1640, pregou na Bahia seu famoso sermão contra os holandeses que imagina-se de tão grande efeito junto aos seus ouvintes e adeptos. Segundo seu biógrafo João Francisco Lisboa [*ibidem*], a 3 de janeiro de 1642, prega pela primeira vez em Lisboa, na Capela Real, deixando na corte a fama de um prodígio oratório.

Agitando questões políticas como a Restauração nacional, alcançando uma grande extensão de temas, do oficial ao familiar, aponta-se também a eficácia da “declamação” para as multidões. E, sobretudo, porque a sua matéria de fala transitava por vários domínios não deixando de incluir histórias, contos, ditos, exemplos, etc.

Como no ensina Dom Francisco Alexandre Lobo, na fonte citada, Lisboa inteira corria para ouvi-lo. Podemos imaginar os ouvintes comovidos de um lado pelo seu engenho e saber, do outro, pela perfeição de sua performance. Os amplos espaços das praças, pessoas que vinham e conseguiam preencher as construções apenas ao Colégio

e à Igreja, na Bahia, e também a acolhida nos palácios com outros públicos faziam de sua presença uma força de identificação e adesão. Na Tribuna de cidadão ouvia-se a voz pela qual passavam questões e agravos populares. Passava a pátria, a nação, seu desejo messiânico de integração. E por acaso seria descabido falar, então, no domínio religioso, de uma sociedade do espetáculo? [Ávila, 1997].

No Maranhão, numa Sexta-Feira Santa, segundo um texto do seu tempo [*Obras Completas do Padre Antônio Vieira. Sermões*, 1959: vol. 1, XL], teria interrompido em lágrimas o sermão, e aí em curioso relato, passamos a saber que: “pregador e ouvintes formaram um concerto unânime de gemidos, a mais sublime e patética das perorações”.

Terá passado seis a sete anos no Maranhão, seu teatro político e depois chama a atenção sua deslocação permanente para outros espaços; aquele ir e vir, viagens que, nestes tempos, se fariam em tão duras condições. É, por exemplo, a história de um naufrágio em que chega aos Açores e aí teria podido pronunciar o admirável sermão de Santa Tereza [*ibidem*: XLV].

Ler o texto impresso de Vieira é alcançar parte de uma obra que se constrói no corpo, na prédica, na realização fascinante da palavra partilhada. Fico a imaginar o seu acento luso-baiano, elemento de estranhamento e de graça na performance. Organizadora de princípios da própria performance, situando-se numa relação de tempo/espaço [Pires Ferreira, 1999] do oral/oralidade nasce uma ação mágica no encontro entre as partes que procuramos chamar *fascinação*.

Há uma questão de ordem meta-histórica, de um espaço indefinível, interação de ritos, criação de uma espécie de pacto entre quem diz e quem ouve, a conversão possível que compreende razões empáticas e simpáticas, racionais e mágicas ao mesmo tempo. Se Vieira procura muitas vezes conduzir a opinião pública, transformando o púlpito em tribuna política o fato nada tem de excepcional: o púlpito desempenhava também funções que hoje cabem aos jornais, ao rádio, à televisão enquanto instrumentos, conforme nos disse Prado Coelho. Só que ele esqueceu da voz viva como agente direta e aqui não se trata das mediações operadas por estes meios, e por todos os controles

e manipulações que os regem. Na prédica há outras mediações e há compromissos de uma ordem diferente.

Avançando diremos que o estudo da oratória de púlpito nos sécs. XVI e XVII pode nos servir de importante ponto de partida. O códice 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa contém um catálogo dos sermões portugueses impressos e avulsos até 1716.

Sabemos portanto que os meados e a segunda metade do século XVII são dominados pela figura do padre António Vieira (1608 a 1697), “astro de tanto fulgor na oratória sacra portuguesa, que levou a esquecer injustamente aqueles que o precederam ou o seguiram” [Prado Coelho, 1969].

Mas considerando as artes da performance, em novos espaços que se abriam, talvez pudéssemos dizer que certos personagens sobressaem e se fixam, passando a ser mitificados por múltiplas razões que vão do talento excecional às causas abraçadas e ao acaso de situações circunstanciais que os envolvem. Não se deixa aqui de comentar a existência de dois filmes contemporâneos, em que ressurge a figura do padre pregador, a partir de dois notáveis atores. No de Júlio Bressane, Othon Bastos e no de Manoel de Oliveira, Miguel Cintra e Lima Duarte, em sequência e espanto. Poderíamos até dizer que em sentido inverso, o cineasta brasileiro optaria por um ator mais próximo do modelo lusitano e o português por fazer seguir um mais moreno e brasileiro, reprodução cruzada das identidades do Padre Vieira. Eu acrescentaria que o filme de Manoel de Oliveira se aproxima bastante do teor presente no citado estudo de Hernâni Cidade.

Nas primeiras décadas do século XVIII prolongam-se na oratória sagrada mentalidades e situações que propiciaram a estética barroca ou foram por ela propiciadas. Ele continua a ser o mestre incontestável, a baliza, o desafio. Indo em busca dessa nossa dilatada condição barroca [Coutinho, 1983], vamos seguindo uma rede que entretece textos de vária espécie. Sentimos a presença de Vieira a cada instante, mesmo em passagens que contrariam suas formulações no *Peregrino da América*, um dos nossos textos fundadores, espécie de *best-seller* do século do ouro [Pires Ferreira, 2001]. Fomos buscar também e, especificamente, as questões relativas à *performance* e profecia, na

medida de sua importância e diante das possibilidades expressivas. Em seu livro sobre o mundo arturiano, e especialmente sobre *Merlin, o profeta*, guardadas as distâncias e as situações de enunciação que configuram a historicidade de profetas e de profecias, existentes ou míticos, vindos ou ainda esperados, Paul Zumthor [1973] nos traz algumas considerações que podemos relacionar com o nosso tema, não de maneira direta e genética com o universo em questão, como aliás já tinha feito em *Armadilhas da Memória* [Pires Ferreira, 2004] lembrando também os nossos movimentos rebeldes populares e o Sebastianismo que encontrou no Brasil um terreno propício.

Trata-se da profecia que se fundamenta na esperança bretã de reconquistar a soberania para liberar o país de Gales do domínio estrangeiro. Daí, ao lidar com *Merlin, o profeta*, ele nos aproxima da profecia política exercida e executada pela voz.

A esperança bretã se identifica com um nacionalismo que se defende. Operam-se aí discursos que oferecem verdadeiras consolações espirituais tornando-se, numa pequena escala, uma espécie de messianismo.

É preciso ver ainda a profecia como gênero de discurso pertencente à modalidade que conheceu na Idade Média um grande prestígio e o mesmo quanto à sua utilização no espaço dos conflitos políticos. Fala-nos também Zumthor que, no Ocidente, a Profecia foi evocada como instrumento de luta espiritual, servindo para julgar valores humanos e o tema se enriqueceria de dimensões moralizantes.

Seremos levados a considerar os próprios dinamismos polêmicos das profecias [Scholem, Sabatai, 1995], os apocalipses fantasiosos e sua utilização persuasiva. Nos *Oráculos Sibilinos*, de Geoffrey de Monmouth, uma das primeiras recolhas de profecias, constata-se todo um intercurso da retórica bíblica. Assim, Isaías, Ezequiel, Daniel, o Apocalipse, etc [Rodrigues da Silva, 2006; Silvério, 2004]. Há, além disso, um curioso sistema simbólico ligado à zoologia e a Livros de Exemplos de animais (os bestiários). A apresentação de uma ruína dos tempos, a espera prolongada de um salvador que viria em socorro. Neste universo andam juntos a História Moderna e a História Sagrada. Assim, comparece também o tema da salvação do mundo.

Nesse sentido, não seria despropositado trazer aqui estas analogias para aproximar o mundo do Padre Antônio Vieira de um tipo de Sermão Barroco às esperanças de restauração, ao Sebastianismo e ao Quinto Império, como todos sabem. Profeta e vate na voz do pregador, fenômenos que se aproximam.

Referências bibliográficas

- AULLÓN DE HARO, P. (ed.) (2004), *Barroco*, Editorial Verbum–Conde Duque, Madrid.
- ÁVILA, A. (ed.) (1997), *Barroco: teoria e análise*, Perspectiva, São Paulo.
- BELCHIOR PONTES, M. de L. (1953), *Frei Antônio das Chagas: um homem e um estilo do séc. XVII*, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa.
- COUTINHO, A. (1983), *O processo da descolonização literária*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- GODOY, M. H., de (2005), *Dom Sebastião no Brasil: fatos da Cultura e da Comunicação em tempo/espaço*, Perspectiva, São Paulo.
- Obras Completas do Padre Antônio Vieira. Sermões* (1959), Lello & Irmão, Porto.
- PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. (1977), *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, Alfa–Omega, São Paulo.
- PIRES FERREIRA, J. (1997), “Os desafios da voz viva”, em: Von Simson, O. (ed.), *Os desafios contemporâneos da história oral*, Centro de Memória da UNICAMP, Campinas, pp. 59-68.
- PIRES FERREIRA, J. (ed.) (1999), *Oralidade em tempo & espaço: colóquio Paul Zumthor*, FAPESP/EDUC, São Paulo.
- PIRES FERREIRA, J. (2001), “Notas preliminares para uma leitura do «Compêndio Narrativo do Peregrino da América» de Nuno Marques Pereira”, *Revista USP*, 50, USP, São Paulo, pp. 18-33.
- PIRES FERREIRA, J. (2004), *Armadilhas da memória e outros ensaios*, Ateliê Editorial, São Paulo.
- PIRES FERREIRA, J. (2006), *Os trabalhos da luz*, Fundação Memorial da América Latina, São Paulo.
- PRADO COELHO, J., do (ed.) (1969), *Dicionário de literatura*, Companhia Brasileira de Publicações, Rio de Janeiro.

- RODRIGUES DA SILVA, R. (2006), *Edição e heresia: o livro de Daniel*, Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- SCHOLEM, G., SABATAI, T. (1995), *O Messias Místico II*, Editora Perspectiva, São Paulo.
- SIEWIERSKI, H. (2012), *Livro do rio máximo do Padre João Daniel*, EDUC, São Paulo.
- SILVÉRIO, L. F. (2004), *Sonhos proféticos: profecias oníricas – o tempo do Quinto Império nos sermões de Xavier Dormindo*, Editora Humanitas, São Paulo.
- SOUZA ARAÚJO, J., de (1999), *Profecias Morenas*, Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, Salvador.
- VIEIRA, A. (1959), *Obras completas. Sermões*, Lello & Irmão, Porto.
- VIEIRA, A. (2005), *História do Futuro*, Editora da UNB, Brasília.
- ZUMTHOR, P. (1973), *Merlin, le prophète*, Slatkine Reprints, Genève.
- ZUMTHOR, P. (2007), *Performance, recepção, leitura*, Cosac Naify, São Paulo.